

A POESIA DO DESABROCHAR SÁFICO NO CONTO PARAÍSO DAS FLORES DE TAYLANE CRUZ

Sandra Ribeiro Alves¹
Jacira dos Santos²
Sara Rogéria Santos Barbosa³

INTRODUÇÃO

A Literatura, historicamente, sempre teve a capacidade de romper barreiras e transformar em algo “palatável” as mais duras afirmações e, ao mesmo tempo, transmitir para o campo do perceptível as nuances muitas vezes indizíveis nas mais diversas esferas do saber. Tal prerrogativa se faz presente quando estamos diante das descobertas dos afetos e desejos que atravessam as duas personagens do conto *Paraíso das Flores* e a capacidade de materializar nos discursos aquilo que está nas sombras, nas gavetas dos pensamentos, nos cofres dos segredos. É sobre essa capacidade de propiciar o mergulho no ficcional que este estudo se debruça. Não por acaso, a escolha do texto se relaciona teoricamente com correntes literárias que têm na produção de autoria feminina negra seu objeto de análise. Para Evaristo (2023), nessa literatura pode ser encontrada o que a autora denomina de *escrevivência*, ou seja, a capacidade de transformar em arte o que atravessa as vivências negras, sejam elas ficcionais ou não.

Ainda sobre essa escrita negra feminina, é imperioso afirmar que, ao analisarmos a escrita de mulheres a partir do olhar de teóricas também negras, estamos diante de três pontos que merecem atenção: a impossibilidade de separar estrutura e conteúdo temático do pensamento das condições materiais e históricas que moldam a vida de suas produtoras”; o segundo é que “mulheres negras defendem um ponto de vista ou uma perspectiva singular sobre suas experiências [...] que serão compartilhados pelas mulheres negras como grupo”; por último, “a variedade de classe, região, idade e orientação sexual que moldam as vidas individuais de mulheres negras tem resultados em diferentes expressões desses temas comuns” (COLLINS, 2016, p. 101-102). Logo, a escolha pelo texto literário aqui apresentado justifica-se pela possibilidade de lidar com uma ficção que se torna ainda mais sensível quando os sujeitos envolvidos são pensados a partir de suas interseccionalidades. Assim, para este estudo,

¹ Especialista no Ensino de História – FSL, alvesandra74@gmail.com

² Especialista em Língua Portuguesa e Linguística. FAMA, jacy.se@hotmail.com

³ Doutora do Curso de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia -UFBA, sararogeria@academico.ufs.br

é a afetividade lésbica que toma assento no banco da frente da discussão, mesmo que seja convidada a se limitar ao último lugar na fila dos amores possíveis e aceitáveis.

Historicamente, a literatura no Brasil tem sido dominada por uma visão heteronormativa e patriarcal, o que tem dificultado a visibilidade de autoras lésbicas e de representações da experiência lésbica nas narrativas. Durante boa parte do século XX, a homossexualidade foi criminalizada e marginalizada, e as poucas expressões de desejo entre mulheres nas obras literárias estavam muitas vezes disfarçadas ou implícitas. Isso posto, o objetivo deste estudo em suma é analisar as representações simbólicas e estéticas das personagens do conto a fim de que seja possível desconstruir o olhar dominante, abrir espaço para outras formas de ver e representar os corpos lésbicos, suas expressões de afeto e prazer e combater esses estereótipos mostrando que relações afetivas entre mulheres são tão diversas, complexas e legítimas quanto quaisquer outras. Esse poder de se compreender inclusive levando em consideração a sexualidade deve ser algo possível de ser acessado por qualquer pessoa, em qualquer lugar e tempo. Para falar como Joice Berth (2016), o poder só existe de maneira justa quando é coletivo. Se ele não é revertido para o grupo minoritário em que estamos inseridas, então o empoderamento não está sendo trabalhado corretamente.

Dessa forma, falar sobre amor lésbico é uma forma de naturalizar relações afetivas que por tanto tempo estiveram segregadas à clandestinidade, carregadas de vergonha e medo. Autoras como Virgínia Woolf (2018), Simone de Beauvoir (2016) e Taylane Cruz (2020) trazem à luz discussões sobre o feminino em nuances afetivas e sociais, propiciando pensar questões que atravessam as personagens como negação, preconceito, prazer e solidão de forma contundente e em conformidade com os estudos de gênero. A partir das considerações de Beauvoir (2016), é imprescindível enriquecer de debate e ampliar a discussão sobre o espaço que a literatura de autoria lésbica ocupa no cenário nacional.

No que concerne ao protagonismo feminino, segundo Cixous (1975), homens descreveram a anatomia e a psiqué femininas reivindicando propriedades e conhecimentos natos à sexualidade delas ao tempo em que cristalizaram diversos tabus, prazer, gozo e liberdade de expressar sentimentos como pouco respeitáveis, mundanos, vulgares e transviados. O corpo da mulher, sua sexualidade e sua experiência física são centrais na produção de uma escrita libertadora. A referida autora propõe uma escrita que incorpore o desejo, o prazer e a potência feminina. Nesse sentido, a escrita que tem o amor homoafetivo como centro da construção diegética por muito tempo não foi reconhecido como literatura “séria”, mas unicamente pornográfica, pesado, inapropriado em uma sociedade patriarcal que enquadra a figura feminina

na condição de a outra, a inferior e, em conformidade com Beauvoir (2016), as mulheres que ousam amar outras mulheres carregam a carga simbólica da invisibilidade.

É notório que a literatura de autoria lésbica no Brasil tem ganhado visibilidade crescente nas últimas décadas, à medida que o país experimenta um movimento de maior reconhecimento e representação das questões LGBTQIA+. A produção literária lésbica brasileira envolve tanto escritoras que abordam temas relacionados à identidade e ao afeto entre mulheres como também aquelas que, sem se limitarem a isso, exploram temas diversos à luz de suas vivências e perspectivas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter bibliográfico, tendo como objetivo a análise teórica e crítica do conto *Paraíso das Flores* da autora Taylane Cruz e que faz parte da obra *O Sol dos Dias* (2020). Para tanto, foram selecionadas obras teóricas que tratam de representação e estética literária Stuart Hall (2026) e bell hooks (2019), Conceição Evaristo (2023), Hélène Cixous (1975), além de teoria feminista Simone Beauvoir (2016) e literatura Taylane Cruz (2020) e Virginia Woolf (2018). Autores que abordam diretamente os referidos conceitos e dialogam com questões contemporâneas fundamentais para as discussões aqui propostas.

Após a coleta do material, os textos foram lidos e analisados de forma crítica, buscando identificar convergências teóricas, lacunas no conhecimento e contribuições relevantes ao tema proposto. Por fim, a análise tanto dos textos literários quanto dos teóricos seguiu os princípios da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), permitindo a organização temática dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do conto *Paraíso das Flores* traz à luz a escrita feminina que constrói discursos possíveis para personagens invisibilizadas. Nesse sentido o envolvimento das personagens descortina de forma suave, erótica e poética o amor homoafetivo, bem como a violência presente na forma como esse afeto é visto. A narradora-personagem vai se descobrindo à medida que a trama avança. Não há uma informação explícita sobre a

enfermidade emotiva que a acomete, mas há evidente informação sobre a as identidades que vão se construindo naquele período de busca de cura para o corpo e, talvez, para o coração. Quanto a essa construção identitária, Hall (2006, p. 27) afirma que

A identidade cultural não é um núcleo fixo e estável, nem um fato essencial, mas um ‘ponto de enunciação’ em que as diferentes experiências históricas e culturais se articulam e entram em conflito. As identidades são produzidas historicamente dentro de discursos, práticas, relações de poder e instituições, e não existem de modo independente desses processos. Portanto, as identidades são múltiplas, fluidas, fragmentadas e em constante processo de se constituir.

Assim, as descobertas de si pelas quais a narradora-personagem passa fazem parte da concepção de que os sujeitos não são estanques e podem se descobrir à medida em que acessam novas possibilidades de discursos, de culturas, de espaços e, sobretudo, quando descobrem a si mesmos. Os novos ares possibilitam essas descobertas quando a protagonista chega à casa da dona Álvaro e tudo muda em sua vida e assim a protagonista nos apresenta as novidades aprendidas pouco a pouco no paraíso que se tornou aquele lugar na companhia Tirzá. Ela externa isso ao afirmar que aprendia com a minha tudo sobre a vida frutífera, a vida animal e acolhia no “meu coração cada gota de chuva cristalizada na filigrana de uma folha, cada espiga de milho se abrindo em verdade, cada cacho de abelha pingando gotas douradas na terra onde as formigas miúdas aguardavam de prontidão em seu ofício” (CRUZ, 2020, p. 70)

O envolvimento das personagens centrais aborda a inocência e a naturalidade com que o afeto e o desejo entre mulheres se manifesta. Ela foi descobrindo os espaços, as pessoas, os animais e Tirzá, a quem “mais me apeguei logo nos primeiros dias. Costumávamos ficar horas debaixo das bananeiras conversando sobre nada, multiplicando o nada várias vezes alcançando os espaços vazios entre nós” (CRUZ, 2020, p. 69). Mais confiável que as árvores, Tirzá passou não apenas a ser a principal companhia da protagonista, mas aquela que lhe apresentou o que ela nominou como gozo. Para Beauvoir (2016, p. 43), “a mulher que se entrega a uma mulher não se abandona ao Outro e é esse escândalo que a sociedade não perdoa.”

A representação feminina é feita através das semelhanças e desejos ao mesmo tempo que abre espaço para outras formas de ver e representar o amor sáfico. Doçura, entrega, inocência e erotismo coadunam na construção de um texto sensível e revelador em que “a mulher escreva sobre a mulher e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos” (CIXOUS, 2022, p. 36). Cruz (2020, p. 70) nos brinda com a descoberta feita pela personagem e faz jus à afirmação de Cixous sobre a relação entre as mulheres, a escrita e o poder sobre os próprios corpos:

Foi ouvindo as cigarras que, debaixo das bananeiras, Tirzá me ensinava a anatomia da natureza. [...] Aprendia que as coisas que as coisas existem para serem experimentadas. É preciso apalpar o coração das coisas. Tirzá, apesar da ingenuidade aparente, não perdeu tempo, debaixo da bananeira me apalpou. Agarrou minha mão, me fez apalpá-la também. Senti o sumo, a carne molinha, a semente enrijecida, Tirzá, se molhando toda como fruta suculosa, se contorcia. O coração da bananeira balançava como o pêndulo, o vento da tarde conduzindo a direção dos nossos destinos. Tirzá gozou sem saber o que era gozar. (CRUZ, 2020, p. 70)

Com uma sensibilidade, muitas vezes cortante, a dor explícita posta em tela quando o romance é descoberto corta a carne do leitor como corta a de Tirzá. Descobertas pela tia, as garotas veem o direito de amar e gozar cerceado e objetificado pelo desprezo e violência representados por dona Álvaro. A descrição cuidadosa consegue dar espaço ao leitor para imaginar todo o entorno da situação em que as violências contra elas são postas à vista de todos: “No fim da tarde, já estava com a mala pronta, o motorista da kombi já sentado no alpendre esperando. Tirzá não pareceu para se despedir de mim, pois estava de castigo trancada na casa de farinha depois de apanhar com vara de bambu” (CRUZ, 2020, p. 71). Sem nada poder fazer, já que eram menores e suas vidas eram regidas pela autoridade de suas responsáveis, restou, senão entrar “na kombi, o motor tossiu feito um tuberculoso, um canto de cigarra se espichou pela comprida e procelosa estradinha” (CRUZ, 2020, p. 71).

Cabe destacar a forma afetiva que a autora enxerga e descreve as relações e os cenários remetendo a hooks (2000) quando diz que olhar amorosamente para o mundo significa adotar uma postura ética diante da vida, baseada no reconhecimento da humanidade do outro e na recusa da dominação, da violência e da indiferença, Taylane Cruz com sua escrita amorosa, mas nem por isso muitas vezes dura, abre espaço na literatura de autoria lésbica e preta para outras forma de representar e desconstruir o olhar dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo feminino explícito no conto *Paraíso das Flores* abre possibilidades discursivas a partir do arcabouço teórico utilizado para a construção desse trabalho, a perspectiva de gênero bem como o enfoque no relacionamento homoafetivo tecem uma teia de temáticas necessárias na contemporaneidade, considerando como e quem os representa e o que essas personagens diversas e simples ao mesmo tempo comunicam ao público leitor.

Dessa forma, é fundamental reafirmar que falar sobre o amor entre mulheres não é apenas uma questão de visibilidade, mas de justiça social. Reconhecer e valorizar essas experiências contribui para a desconstrução de estigmas, amplia o entendimento sobre a

diversidade humana e promove um ambiente mais inclusivo, onde todas as formas de amar possam ser vividas com dignidade e liberdade.

Por fim, que este estudo inspire reflexões mais profundas e ações mais comprometidas com a valorização das identidades lésbicas, e que o amor, em suas mais diversas formas, siga sendo celebrado como força transformadora e expressão de resistência.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Feminismo; Relações afetivas lésbicas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. Vol 2. Tradução Sérgio Milliet – 3ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018

COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado. Volume 31, n. 01, janeiro/abril 2016.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução: Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022

CRUZ, Taylane. Paraíso das Flores. In: _____: **O Sol dos Dias**. Guaratinguetá/SP: Penalux, 2020, p. 67-71

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Orgs.). **Escrevivências, Identidade, Gênero e Violência na Obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Malê, 2023

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**: Cultura e Significado. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

WOOOF, Virginia. **Orlando**. Tradução: Laura Alves. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.